

Práticas Pastorais na Bíblia

Paradigmas para a prática pastoral da Igreja, hoje

Geoval Jacinto da Silva

Introdução

Neste artigo tenho o propósito de analisar, a partir da Bíblia, paradigmas para a prática pastoral da Igreja e a importância das mesmas para o contexto contemporâneo, destacando os fundamentos bíblicos. Portanto, serão objeto de análises as manifestações do Deus-pastor presentes no Antigo Testamento, Jesus como o bom pastor nos evangelhos de Lucas e João e os paradigmas de práticas pastorais a partir da primeira carta de Pedro. Casiano Floristán, teólogo pastoralista da Pontifícia Universidade de Salamanca, afirma que toda religião possui três pilares fundamentais para a realização de suas práticas religiosas, conforme segue:

1. A expressão teórica e doutrinal: que pode estar envolvida em símbolos ou estabelecidas através de suas formas doutrinárias e de suas expressões de autoridade;
2. A expressão prática do culto: intimamente ligado ao culto com a doutrina, já que o ato religioso executa a declaração teórica da fé formulada;
3. A expressão sociológica de comunhão: uma vez que toda religião viva deve ser social e tende a criar relações definidas entre seus componentes, derivadas das relações

que os membros possuem entre si e com a divindade. (Casiano, 1968, 3-4).

Segundo Casiano, o estabelecimento de Israel como povo e o desenvolvimento de suas práticas religiosas são vistas a partir das expressões doutrinárias, do culto e da vida em comunhão. É a partir destes elementos que a comunidade vai se formando e estabelecendo suas regras em todos os sentidos da vida. A conjunção destas expressões fortalece a visibilidade de Iahweh, que por livre vontade elege um povo para servi-lo em serviço e com ele renova sua aliança e quando o “serviço é recusado, a eleição perde seu sentido”. Bosch, sinaliza que este processo de eleição de Israel para o serviço é primordialmente direcionado

“a servir os marginalizados em seu meio: o órfão, a viúva, o pobre e o estrangeiro. Sempre que o povo de Israel renova sua aliança com Javé, reconhece que está renovando suas obrigações com as vítimas da sociedade” (Bosch, 2002, 36).

A eleição e o serviço são renovados pela esperança de um Deus-pastor, que caminha com o povo, assim como o pastor caminha com o seu rebanho, imagem conhecida na época da redação dos escritos bíblicos.

Práticas Pastorais na perspectiva do Deus Pastor

O povo de Israel, que desenvolveu sua cultura entre a Mesopotâmia e o Egito, amadureceu sua identidade cultural e religiosa em relação dialética com os povos vizinhos (Bosetti, 1986: 7). Israel definiu-se diante de seus vizinhos na celebração de um Deus único e Senhor. O sagrado é um dom do Deus da vida. A vida é o que diferencia Javé de todos os outros deuses, é um Deus que se envolve na história do povo de Israel, não é um Deus ausente é um Deus presente. O Deus vivo se opõe aos ídolos mortos e insensíveis. É vivo porque comunica a vida e faz viver. Por este motivo é também o pai do

clã que dirige. Deus é pai e portanto é o criador e providente do mundo. Como Pai do povo, o tem elegido e com ele estabelecido uma aliança, e guarda zelosamente as cláusulas do pacto. Um sentido profundamente espiritual de paternidade divina aparece quando Deus perdoa o povo eleito depois que este se prostitui com falsos deuses. Além de pai é também redentor e esposo. Israel é, por outra parte o povo de Deus, é um povo separado, o primeiro de todos os povos. Pela aliança Deus se liga com Israel seu eleito, seu filho primogênito, sua herança, seu rebanho, sua vinha, seu domínio, sua esposa (Casiano, 1968: 4).

A Bíblia tem uma visão dinâmica de Deus como pastor que vai adiante do seu rebanho. “Ele sabe como ser pastor: é pastor no pleno sentido da palavra, porque sabe sê-lo em qualquer eventualidade” (Bosetti, 1986: 16). O importante na cultura bíblica não é o uso formal de um título, mas o destaque de um “comportamento”. Portanto, Deus se comporta com seu povo como o “bom pastor” com seu rebanho (Bosetti, 1986: 18).

Na Bíblia encontram-se expressões que indicam e esclarecem sobre a figura de Iahweh como pastor, e do povo como rebanho. Nesta análise serão indicadas quatro funções fundamentais: *guiar, prover, vigiar e estabelecer aliança*, que indicam a relação de Deus como pastor de seu povo.

Deus-pastor que guia o rebanho

Deus como pastor que conduz e guia, traz à mente a imagem do “bom pastor” que caminha diante das ovelhas (Jo 10.4). O uso metafórico dos verbos, “conduzir e guiar” transfere para os planos políticos, éticos e religiosos a função de guia que o pastor exerce em relação ao seu rebanho. No hebraico o verbo “nahag” tem o sentido de “conduzir ovelhas”. Já o verbo “nahal” é “guiar”, isto é dirigir no sentido pastoril. Do ponto de vista teológico e pastoral esses verbos indicam a experiência de ser guiado e conduzido por Deus. Experi-

ência que marcou para sempre a história de Israel em sua peregrinação pelo deserto. No livro do Êxodo, “conduzir e guiar” estão juntos formando um conjunto em unidade “nahag-nahal”: “Com tua beneficência guiaste o povo que salvaste; com a tua força o levaste à habitação da tua santidade (Êx 15.13)” (Bosetti, 1986: 24).

O entendimento de Deus como pastor que conduz e guia pode ser visto a partir dos relatos mais antigos relacionados à linhagem do patriarca Jacó (Gn 48.15 e 49.24). A primeira indicação está relacionada com o “contexto da adoção e bênção dos filhos de José” (Gn 48.1-28) e sugere o entrelaçamento de dois componentes: de um lado, a vida nômade da família de Jacó (v. 15a) e, de outro, a concepção de um Deus que se solidariza com a história e com o modelo sócio-cultural do nomadismo; justamente um Deus-pastor (15b). Já o segundo texto está relacionado ao fato das “bênçãos-oráculos” “que Jacó proferiu sobre cada um de seus filhos” (Bosetti, 1986: 24-25).

Na tradição profética pode se perceber duas posições. O profeta Oséias destaca o lado rebelde do povo que não se deixa ser guiado, portanto, só lhe resta o lamento: *Como vaca rebelde, se rebelou Israel; será que o Senhor o apascenta como a um cordeiro em vasta campina?* (Os 4.16). Já a profecia do segundo Isaías retoma a figura do Deus-pastor e canta com júbilo o retorno a Sião na perspectiva do povo que há de ser guiado: *Como pastor, apascentará o seu rebanho; entre os seus braços recolherá os cordeirinhos e os levará ao seio; as que amamentam ele guiará mansamente* (Is 40.11).

Bosetti indica que o profeta Isaías retoma a dupla “nahag e nahal”, “conduzir e guiar” as ovelhas; os prisioneiros a caminho de Sião encontrarão pastagem ao longo de todas as estradas e não sofrerão fome, nem sede nem calor abrasador; porque *o que deles se compadece os guiará e os conduzirá aos mananciais das águas* (Is 49.10). Já o profeta Ezequiel, embora demonstre cuidado especial com o tema de Deus como pastor, está com sua atenção voltada para contrapor “o comportamento de Deus ao dos falsos pastores que, em

vez de apascentarem o povo de Deus, apascentam a si mesmos” (Ez 34.2-10), (Bosetti, 1986:30).

No contexto dos Salmos é comum encontrar a dimensão de conduzir e guiar como função de Deus como pastor. Um dos salmos que deixa estas marcas é o Salmo 23. O pastor tem a característica de suprir, conduzir e guiar.

- ✓ O Senhor é o meu pastor...
- ✓ Leva-me, para junto das águas de descanso...
- ✓ Guia-me pelas veredas...

Por fim, a dimensão pastoral de Deus-pastor que conduz e guia o povo está sempre relacionada ao cuidado pastoral com o bem estar do individuo e da comunidade. A figura pastoral está sempre em direção da condução do povo que caminha, com a finalidade de cumprir a missão como povo eleito, portanto, parte de sua gratidão pela libertação é prestar culto a Deus: *Assim diz o Senhor, Deus de Israel: Deixa ir o meu povo, para que me celebre uma festa no deserto* (Êx 5.1b), (Bosetti, 1986:26-28).

O Deus-pastor que provê a vida do rebanho

O pastor conduz suas atividades no contexto da complexidade de ações que executa para fazer o seu rebanho viver e multiplicar-se (assim, são transferidos para o plano da existência humana o significado do valor da água, do alimento, dos apriscos seguros, etc.). O verbo “pascere” não é sinônimo de caminhar, mas pastar, alimentar-se. Para o rebanho, a meta do caminhar é comer; ele se move a fim de encontrar pasto, isto é, alimento adequado e suficiente.

Nesta perspectiva, pastor não é só aquele que guia, mas também aquele que procura o alimento, que conduz às pastagens. Ele é caminho para a vida. Caminhando na frente das ovelhas, ele se faz caminho para aquilo que garante a vida delas: a erva e a água.

Transferindo para o plano teológico essa função do pastor, é o conjunto de elementos que forma o conceito de providência. O pastor

divino se interessa vivamente pela existência de suas ovelhas, preocupa-se com a sua vida e lhes assegura o necessário para o tempo e para a eternidade, manifesta-se em suas ações o sentido de “caminho e vida” (Bosetti, 1986: 32-34).

O Deus-pastor que vigia o rebanho

É indispensável que a vida das ovelhas seja alimentada por pastagens e fontes de água. Mas, é necessário também não deixá-las expostas aos perigos, aos assaltos dos animais ferozes ou à voracidade dos salteadores. Assim, de dia o pastor é guia; e de noite, guarda. Enquanto as ovelhas dormem, ele vigia, especialmente se os apriscos são ao ar livre, no deserto ou nas montanhas. E se acontece de alguma ovelha se perder, o pastor digno desse nome volta pelo mesmo caminho à sua procura, chamando-a e tentando descobrir as suas pegadas.

A transposição para o plano teológico dos verbos que indicam proteção, vigilância e procura, contribui para delinear a imagem de Deus guarda e defensor, que usa a sua onipotência para sustentar a fraqueza e a precariedade da vida humana. A novidade bíblica consiste no fato de Iahweh procurar Israel. Esta atitude tem duas faces: O Deus Pastor que procura e o Deus que salva, assim indicados:

Iahweh é o pastor que procura

O hebraico tem dois verbos para indicar a ação do pastor que procura seu rebanho: *baqash* e *darsh*.

O primeiro, *bagash*, significa procurar alguém que está para se perder; o segundo, *darsh*, acrescenta a este significado o sentido de envolvimento pessoal, de cuidar.

O verbo *bagash* indica, aquilo que os pastores insensatos e maus de Israel deviam fazer, mas não fizeram e, positivamente, o comportamento de Iahweh:

Exemplos a partir de Ezequiel 34.1-31: não procuraste – Ezequiel 34.4: entre as faltas dos pastores de Israel encontra-se esta: “*Não procurastes a (ovelha) perdida*”; Ezequiel 34.6: neste versículo os dois verbos são usados, um depois do outro, com efeito, reforçativo: “*O meu rebanho dispersou-se; não há quem o procure (darash) ou quem vá a sua busca (bagash)*”.

Outro exemplo: Zacarias 11-16 – “Porque eis que suscitarei um pastor na terra, o qual não cuidará das que estão perecendo, não buscará a desgarrada, não curará a que foi ferida, nem apascentará a sã; mas comerá a carne das gordas e lhes arrancará até as unhas”.

Mas Iahweh procurará: Iahweh faz o que os pastores não fizeram: “*Irei à procura da ovelha perdida*” (Ez 34.16).

Não se preocuparam com o meu rebanho: “Não há quem as procure, os meus pastores não se preocuparam com o meu rebanho” (Ez 34.6-8).

Iahweh procurará com cuidado: “Assim diz o Senhor Iahweh: Eis-me contra os pastores e requererei o meu rebanho de suas mãos... Porque assim diz o Senhor Iahweh: Eis-me, eu mesmo procurarei com cuidado o meu rebanho” (Ez 34.10-11).

Procurará até encontrar: Em Ezequiel 34.11, o verbo *darash* forma dupla com *bagar*, que significa “ir a procura”, “visitar” e “inspecionar”, indica, por isso, que Deus está decidido a ir até o fim em sua procura, que não desistirá de procurar enquanto não encontrar seu rebanho: “Eis-me, eu mesmo procurarei com cuidado o meu rebanho e o encontrarei” (Bosetti, 1986: 36-38).

Tira dos lugares de dispersão e de escravidão

Típico do capítulo 34 de Ezequiel é o ter ligado a imagem pastoril à experiência de libertação descrita no Êxodo. O comportamento de Iahweh-pastor, repete o modo de agir e o estilo de Êxodo 3.7-9. Encontramos aí, de modo particular, o mesmo verbo nasal, que significa “tirar de”, “libertar”, e o verbo “iasa”, com efeito, “fazer sair”.

Em Êxodo 3.8 Iahweh afirma ter descido para tirar seu povo das mãos do Egito; em Ezequiel 34.10 diz que tirará seu rebanho da boca dos maus pastores e, no v. 12, que o tirará de todos os lugares pelos quais se dispersou.

O verbo nasal, “tirar de”, é seguido em Ezequiel 34.13, de outro verbo de libertação, que evoca Êxodo 3: trata-se de *iasa* na forma causativa: “fazer sair”.

Quadro comparativo entre Êxodo 3.8-10 e Ezequiel 34.10-13:

Êxodo 3	Ezequiel 34
v.8: Desci para livrá-lo da mão dos egípcios e para fazê-lo subir daquela terra a uma terra boa e vasta...	v.10b: Tirarei minhas ovelhas da sua boca e não serão mais seu alimento.
	v.12b: E as tirarei (as ovelhas) de todos os lugares por onde dispersou-se em dia de densas nuvens e escuridão.
v.10: E eu te envio ao faraó, para fazer sair do Egito o meu povo, os filhos de Israel.	v.13: Fá-las-ei sair dentre os povos, e as farei vir para a sua terra, e as apascentarei nas montanhas de Israel.

Ezequiel 34.10-13 é, pois, “releitura” do Êxodo na perspectiva de Jr 23.1-3. Não se trata mais de tirar o povo das mãos dos egípcios, mas de tira-lo da dispersão, causada pela irresponsabilidade dos pastores (Bosetti, 1986: 36-40).

1) O Deus-pastor que faz aliança com o rebanho

Trata-se de função não imposta pelas convenções sociais nem pela lógica do interesse e do mercado, portanto, ausente do pastor assalariado, mas presente naquele que vive a função de pastor como questão de amor. “O pastor bíblico se sente ligado afetivamente ao seu rebanho. Estabelece relações de conhecimento, de amizade e de solidariedade para com as ovelhas. A cultura ocidental, enferma de eficientismo e burocracia, sente dificuldade para entender esse aspecto ou o considera, com ironia, coisa de poeta, etc.

Mas, ele ainda existe: não só os beduínos, mas também nos pastores de hoje, acabam falando com suas ovelhas quando não por outro motivo, por causa da prolongada permanência com elas, longe da convivência humana.

A transposição teológica desses restos de intimidade foi conservada pela Escritura no tema do Pastor divino, que estabelece aliança com suas ovelhas e que as ama a ponto de sacrificar a própria vida por elas” (Bosetti, 1986: 22-23). A Bíblia conhece o paradoxo de um Deus enamorado, que chama suas ovelhas pelo nome e que por elas expende seu tempo e dá sua vida (Ez 34.27; Zc 13.7; Jo 10.11ss), (Bosetti, 1986: 48).

- ✓ “Ainda que eu caminhe por um vale de densas trevas, não temerei nenhum mal porque tu estás comigo” (Sl 23.4);
- ✓ “Quanto a nós, teu povo, rebanho do teu pasto” (Sl 79.13);
- ✓ “Ele é o nosso Deus”
- ✓ “E nós, o povo do seu pasto”
- ✓ “O rebanho de sua mão” (Sl 95.7);
- ✓ “Sabei que só Iahweh é Deus, Ele nos fez e a Ele pertencemos. Somos seu povo, o rebanho do seu pasto” (Sl.100.3)

Por certo que a figura bíblica, teológica e pastoral da aliança ocupa na história de Israel um desenvolvimento muito alto onde Deus se compromete com o povo e requer do mesmo incondicional resposta, pois através dela percebe a “pura gratuidade, da paciência incondicionada, da ternura e amizade” onde o grau de complexidade é tão profunda que Deus conhece suas ovelhas pelo nome pelo nome e que por elas expende seu tempo e dá a sua vida (Ez 34.27; Zc 13.7; Jo 10.11ss). (Bosetti, 1986, 48).

As quatro categorias fundamentais, *guiar, prover, vigiar e estabelecer aliança*, que qualificam a experiência pastoril, são empregadas pela Bíblia para descrever a história das relações de Iahweh com seu povo. A análise dos textos bíblicos mostra, por outro lado, que a experiência humana, mesmo a do pastor totalmente dedicado ao seu rebanho, é apenas pálido paralelo do comportamento de Deus.”De fato, aquilo que para o homem constitui paradoxo, no comportamento de Deus é norma constante” (Bosetti, 1986: 23).

III – Jesus Pastor no Novo Testamento

As quatro funções do Deus pastor: que guia, que provê, *que vigia e que estabelece aliança* estão presentes nos escritos do Novo Testamento. Jesus é o bom pastor na dimensão escatológica, presente e futuro. Por uma questão metodológica, serão indicadas sucintamente as quatro funções relacionadas às práticas pastorais de Jesus como pastor, frente às necessidades do povo.

As figuras do Jesus pastor que assume o caráter de “guia e providência”, se tornam visíveis a partir das narrativas de Mateus: *Vendo ele as multidões, compadeceu-se delas, porque estavam aflitas e exaustas como ovelhas que não têm pastor* (Mt 9.36) e de Marcos: *Ao desembarcar, viu Jesus uma grande multidão e compadeceu-se deles, porque eram como ovelhas que não têm pastor. E passou a ensinar-lhes muitas cousas* (Mc 6.34). Bosetti afirma que eram “multidões condenadas à indigência material e espiritual por falta de profetas, de pastores, de homens de Deus. Gente reduzida a viver o presente com resignada aceitação, com triste miopia, sem alegria e sem felicidade, abando-

nada à própria sorte pelos seus chefes. Não havia quem interpretasse a história, quem trouxesse a palavra de esperança: não havia quem abrisse os olhos das multidões, quem ensinasse a olhar o presente como momento salvífico, como visita jubilosa do amor do Pai...” (Bosetti, 1968: 53).

Na concepção dos evangelistas, “Jesus tinha diante de si, um povo traído em sua vocação mais profunda, um povo despojado de sua identidade pelos chefes. Não eram um ‘rebanho’, eram ovelhas dispersas. Tanto o Evangelho de Mateus como o de Marcos dão a entender que a atitude e as ações de Jesus eram resposta de ‘compaixão’ e manifestavam sua decisão de reunir as ovelhas em ‘rebanho’” (Bosetti, 1986: 53).

O contexto dos evangelhos de Mateus e Marcos permite perceber que Jesus é o “pastor que provê”. Os dois evangelistas ligam a resposta da compaixão de Jesus antes de tudo à pobreza espiritual das multidões à sua fome de Deus e de sua palavra. Mas a compaixão de Jesus teve solicitude também pela vida física, a ponto de prover o pão (na narração de Marcos 6.37-44, segue-se o milagre da multiplicação dos pães) e curar doenças e enfermidades (Mt 9.35). (Bosetti, 1968, 53-54). Com relação a figura do pastor que cuida do rebanho e vai em busca da ovelha perdida, o evangelista Lucas desenvolve a narrativa do trabalho insistente do homem que deixa suas noventa e nove ovelhas no deserto e vai em busca da perdida e luta até encontrá-la (Lc 15.4-7; Mt 18.12-14). (Sobre o tema da ovelha perdida será tratado no item a seguir ao abordarmos práticas pastorais na perspectiva do evangelho de Lucas).

Com relação a figura do Jesus pastor e aliança os evangelistas Mateus (Mt. 26.31) e Marcos (14.27), nas narrações da paixão concordam em pôr na boca de Jesus a profecia: “Ferirei o pastor e as ovelhas do rebanho se dispersarão”(Zc 13.7). Essas pa-

lavras aludem à instituição de ‘escândalo’ em que se veriam os discípulos depois da prisão e morte do Senhor. A citação se presta, porém, a uma leitura não só eclesial, mas também cristológica e a uma leitura que tenha presente todo o contexto da passagem profética mencionada.

Em outras palavras, Jesus declara que ele realiza a profecia de Zc 13.7-9: ele é o bom pastor contra o qual se eleva, sem contemplação, a espada do sofrimento e da morte., Diante dela, ele não retrocede. O seu rebanho será disperso, mas por pouco tempo: o oráculo de Zacarias termina, de fato, com ao anúncio da nova aliança.

Mt 25.31-36 nos oferece uma imagem “exclusiva”, e para a qual confluem vários elementos da cena do juízo anunciada em Ez 34.17s. A imagem do pastor introduz o juízo escatológico do Filho do homem. O “juízo” é um momento insubstituível da intervenção “salvífica, porque a ação pastoral de Deus e do Seu Cristo não desconsidera a história. E a história pede que se faça justiça” (Bosetti, 1986: 55).

IV – Modelos de Práticas Pastorais no Novo Testamento

No evangelho de Lucas

Para estudar modelos de prática pastorais a partir de Lucas, lanço mão da parábola da “ovelha perdida” (Lc 15.1-10), entendendo o seguinte: primeiro o capítulo quinze forma o conjunto de três parábolas; “a ovelha perdida; a dracma perdida e o filho pródigo” que estão relacionadas com a dinâmica do perdido e da alegria pelo que foi recuperado. O paralelo da “ovelha perdida” com Mateus (18.12-14), segundo Pikaza está relacionado a outro contexto religioso (Pikaza, 1974, 292).

Lucas acentua a alegria do pastor pelo encontro da ovelha perdida, porque só ele fala do seu convite aos amigos e vizinhos para participarem de sua alegria: *E, indo para casa, reúne os amigos e vizinhos, dizendo-lhes: Alegrai-vos comigo, porque já achei a minha ovelha perdida* (Lc 15.6). Perdida a ovelha, o pastor confia nas noventa e nove deixa-as num lugar seguro e nada detem o seu ímpeto em procura da outra: *Qual, dentre vós, é o homem que possuindo cem ovelhas e perdendo uma delas, não deixa no deserto as noventa e nove e vai em busca da que se perdeu, até encontra-la?*(Lc 15.4). Então, os seus cuidados, as suas preocupações e as suas atenções se voltam totalmente para ela. (Panimolle, 1986: 76). Encontrando-a o pastor compromete-se em protege-la a tal ponto que coloca-a nos seus ombros, com um sentimento de vitória: *Achando-a, põe-na sobre os ombros, cheio de júbilo* (Lc 15.5). Esta atitude paterna de acolhimento por parte do pastor possibilitará a ovelha que estava perdida concluir que o retorno lhe dará direito não só ao Céus, mas que também a terra será sua herança.

Com a narrativa da parábola da “ovelha perdida” Lucas destaca dois elementos importantes para a prática pastoral: primeiro faz aproximação da parábola com o oráculo de Ezequiel (34.1.16) sobre os maus pastores de Israel e segundo contextualiza o significado da mesma para a pastoral contemporânea. Quando Lucas escreveu a parábola da “ovelha perdida”, tinha conhecimento do oráculo de Ezequiel 34? É muito provável, pois, existe uma sintonia entre aquele que vai em busca da ovelha perdida e não mede esforços para encontra-la com o prenuncio do oráculo que afirma: “o Senhor em pessoa apascentará o seu povo (Ez 34.11-16), procurando as suas ovelhas (v.11), cuidando delas, reunindo-as de todos os lugares; melhor, o Senhor em pessoa irá à procura da ovelha perdida, reconduzirá ao aprisco a desgarrada, enfaixará a que se feriu e cuidará da doente (v. 16) (Panimolle, 1986: 73-74).

Tudo faz crer que no entendimento de Lucas o oráculo tem seu ápice no ministério de Jesus com suas preocupações pastorais com aqueles que estão vivendo a margem da sociedade. “Os publicanos e os pecadores são as ovelhas doentes, dispersas e perdidas, tratadas com dureza pelos pastores de Israel, os escribas e os fariseus, são afastadas do rebanho, até a sua companhia é evitada. O Filho do homem veio para curar os doentes; ele é o médico dos pecadores (Mc 2.15-17 e par.), cuida com solicitude dos enfermos e, por isso, se torna amigo deles (Mt 11.19 e par.). Jesus é o bom pastor, cheio de amor e de solicitude pelo seu rebanho, o pastor que vai à procura da ovelha perdida, para reconduzi-la com alegria ao aprisco (Lc 15.4ss) (Panimolle, 1986: 74).

Na parábola da “ovelha perdida” e em sua relação com as outras duas parábolas, dois elementos marcam as atitudes das pessoas envolvidas: primeiro é a atitude de alegria: *Alegrai-vos comigo* (Lc.15.6); *Alegrai-vos comigo* (Lc. 15.9) e *regozijemo-nos* (Lc 15.23). Alegria é fruto de um penoso tempo de trabalho e uma longa espera. Alegria é a explosão da alma pelos resultados obtidos. No caso do pastor que vai em busca da ovelha perdida, ele “não diz nenhuma palavra de censura, nenhuma expressão de irritação ou de ira; não sai de seus lábios uma repreensão, às dificuldades enfrentadas” o tempo empregado na procura e na espera são compensados pela alegria do encontro (Panimolle, 1986, 76). Nouwen afirma que: Deus é o pastor que vai à procura das ovelhas perdidas. Deus é a mulher que acende uma lâmpada, varre a casa e procura em todo lugar pela moeda perdida até que a encontre. Deus é o pai que vigia os filhos e espera por eles, corre ao seu encontro, abraça-os, insiste com eles, pede e suplica que venham para a casa” (Nouwen, 1997, 115-116). Segundo é a atitude de amor. Amor é o alimento que sustenta a mesa que espera pelo encontro. Na pará-

bola o pastor achando a ovelha ignora as desculpas e até mesmo promessas de mudanças “põe-na sobre os ombros” e parte cheio de amor e de júbilo.”Quando se ama, a alegria do encontro com a pessoa amada faz esquecer todo o passado de angústia e tristeza, toda a dor causada pelo infortúnio” (Panimolle, 1986: 76).

No evangelho de João

É o evangelho de João aquele que melhor personifica a pessoa do Senhor Jesus como o bom pastor, Ele não é pastor só da Igreja, é o pastor que tem um ministério direcionado para o mundo inteiro (cf. Ap 2.27; 12.5 e 19.15). Nesta perspectiva o relato de (João 10.1-21), sobre a figura do “bom pastor” que identifica práticas pastorais no ministério de Jesus, tem que ser entendido a partir da narrativa da *cura de um cego de nascença* (9.1-41). É a partir do relato que constitui a pericópe que Jesus estabelece para revelar-se como o bom pastor. Sua revelação está direcionada em possibilitar a vista a um cego que segundo o poder estabelecido, sua impossibilidade de ver, representava a vontade de Deus. Mas o testemunho do cego, que havia sido expulso da sinagoga, perante os fariseus (9.13-34), possibilitou a sua integração a uma nova comunidade, pois sua permanência no estágio anterior iria condená-lo a “viver como marginalizado ou isolado, fora do redil de Deus, longe do rebanho do Senhor” (Panimolle, 1986: 62).

A posição extremista marcada por interesses de impossibilitar pessoas ao encontro da porta e do novo espaço onde a vida será vivida em abundância (Jo 10.10), não impediu ao cego declarar-se: *...Vai ao tanque de Siloé e lava-te. Então, fui, lavei-me e estou vendo* (Jo 9.11b). “O cego agora iluminado encontrou o bom pastor da era escatológica; com a sua profissão de fé, ele

deixou o aprisco judaico, mas entrou para o redil de Cristo; por isso, não viverá como ovelha desgarrada” (Panimolle, 1986: 62). Todo estes acontecimentos apontam que o Senhor Jesus vai formar uma nova comunidade humana, que não será a continuidade de Israel, mas estará reunindo seres humanos de diversas origens e sua formação estará condicionada a entrada pela *porta no aprisco das ovelhas* (Jo 10.1), (Barreto, 1979: 460). O cego, agora iluminado, pode entrar pela porta e encontrar o bom pastor a partir de sua declaração de fé: *E Jesus lhe disse: Já o tens visto; e é o que fala contigo. Então, afirmou e-le: Creio, Senhor; e o adorou (38-39).*

A perícopes destinada ao tema do Bom Pastor e da porta de entrada para o aprisco (Jo 10.1-21), está formada por duas seções, uma tem a finalidade de esclarecer o sentido da parábola (v6) e a outra está relacionada a dissensão dos Judeus (v 19), com o paralelo do que havia ocorrido em (9.16). O discurso de Jesus naquele contexto tem como finalidade reafirmar o seu caráter cristológico e a finalidade de sua missão. Ele veio para estabelecer novos caminhos de relacionamentos entre as pessoas, motivadas pelo imperativo do amor.

A cura do cego deveria ter provocado nos dirigentes da religião uma atitude de amor e uma oportunidade de integra-lo na sociedade, entretanto, a fé do cego no Messias estabelece uma situação incomoda para os Judeus. Tal situação extrapola as relações dos líderes religiosos e eles vão em busca do testemunho da família (9.18-24), que diante do quadro de opressão estabelecido, os pais preferem deixar que ele mesmo, a viva voz e em plena razão fizesse sua declaração. Os pais sabiam que o filho havia nascido cego. *Sabemos que este é nosso filho e que nasceu cego* (Jo 9.20), mas tomados de medo não podiam alegrar-se diante da manifestação da graça de Deus em sua própria família. A família dependia das decisões das autoridades, esta-

vam submissas à vontade dos seus líderes, qualquer declaração de autonomia naquele momento seria motivo de desligamento do quadro social, o acordo estabelecido era que: *...se alguém confessasse ser Jesus o Cristo, fosse expulso da sinagoga* (Jo 9.22b) (Barreto, 1979: 447).

Diante desta situação tão limitada e de inteira dependência de um sistema opressor, o Senhor Jesus ergue sua voz a partir e-nigma de (Jo 10ss) e declara “que os fariseus e todos os que querem exercer funções pastorais junto ao povo de Deus, sem passar pela porta do redil das ovelhas, porta que é ele, o Verbo encarnado, não podem ser pastores autênticos, mas ladrões e assaltantes” (Panimolle, 1986: 64).

A parábola de (Jo 10.1ss), tem um significado maior quando é estudada no contexto da situação da cura de um cego de nascença (Jo, 9.1ss) no cenário de liberdade limitada imposta por parte daqueles que tinham a responsabilidade de guiar e prover a vida para o povo. O Senhor Jesus, rompe com o esquema perverso e estabelece novos paradigmas para quem deseja ser líder e cuidar do povo. A porta é agora o referencial para ações concretas em favor da vida: *o que não entra pela porta no aprisco das ovelhas, mas sobe por outra parte, esse é ladrão e salteador. Aquele, porém que entra pela porta, esse é o pastor das ovelhas* (Jo. 10.1-2). “Os que querem apascentar, governar ou ensinar seus irmãos não podem ignorar o Filho de Deus, que é a porta de entrada no recinto das ovelhas, isto é, o mediador entre o Senhor e o seu povo” (Panimolle, 1986: 64). Jesus ilustra aquele momento com a figura da porta e das ovelhas. Quem entra pela porta de entrada, pela qual passa o pastor é reconhecido pelas ovelhas através de um recurso muito peculiar de comunicação que é a voz, já aquele que se utiliza de outros recursos para entrar no aprisco, não tem autoridade sobre as ovelhas, não tem liderança, falta-lhes o carisma da comunicação,

falam mas não são ouvidos a atitude do rebanho é a de fugir, esconder-se, pois têm consciência de estar à beira do perigo, portanto: *fugirão dele, porque não conhecem a voz dos estranhos* (Jo. 10.5).

Panimolle, afirma que as palavras do Senhor Jesus têm repercussões até hoje, pois tanto os “judeus e todos quantos querem guiar as multidões, ignorando Cristo, na realidade não podem ser verdadeiros pastores da humanidade. Eles não têm condições para conduzir os homens às pastagens da vida e da liberdade; apenas provocarão danos, farão grande mal e se comportarão como ladrões e assaltantes”(Panimolle, 1986: 64-65).

O estudo da “cura de um cego de nascença” (Jo 9.1-41) e de “Jesus como o bom pastor” (Jo 10.1-41), mostram elementos essenciais para as práticas pastorais daqueles e daquelas que estão envolvidos no exercício de ações pastorais dos quais se pode destacar o seguinte: Vida de Comunhão. A vida de comunhão do pastor, pelo conhecimento pessoal de cada uma das ovelhas possibilita a identificação pelo nome: *ele chama pelo nome as suas próprias ovelhas e as conduz para fora* (Jo 10.3b). Por conhecer a cada ovelha chama-a pelo nome e convida para criar uma comunidade humana, marcada pela abundância de vida e comunhão (Barreto, 1979: 462-463). Já os “pseudo-pastores, mais preocupados consigo mesmos do que com o bem estar do rebanho “ (Santa Ana, 1985: 86), não conhecem aquele que era cego e foi alcançado pela graça, solicita a intervenção da família para identificar a cura. A posição de Jesus com aqueles que ao: *vê vir o lobo, abandona as ovelhas e foge, então, o lobo as arrebatava e dispersa* (Jo10.12b) é radical, e estes são chamados de ladrões e salteadores (Jo. 10.8), roubam a liberdade do povo impondo sobre eles um estado de medo e de terror. João afirma que: *se alguém confessasse ser Jesus o Cristo*, por certo, seria expulso da sinagoga (Jo. 9.22b),

participar da religião não era uma questão de convicção mais de imposição (Barreto, 1997: 466). Diante deste contexto. Jesus disse: “*Eu sou a porta*”, quem entra e quem sai pela porta, afirma Santa Ana, pode “circular livremente e encontra alimento”, isto porque o exercício da prática pastoral deve possibilitar ao povo um espaço para que passe pela porta em meio à suas lutas na história, no qual lhe seja possível ter liberdade e satisfazer suas necessidades básicas” (Santa Ana, 1985: 87).

Portanto, toda prática pastoral requer uma vida de comunhão entre o pastor e os seus discípulos, é na comunhão que se estabelece o vínculo de conhecimento e dos limites da pessoa, e na comunhão que se conhece o bom pastor e é por ele conhecido: *Eu sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem a mim* (Jo. 10.14). Nesta declaração Jesus reafirma o conhecimento individual, através da voz (Jo 10.4) por um conhecimento de vida em comunidade, onde flui o Espírito que fortalece a relação de amor e de convivência. O segundo elemento essencial na prática pastoral a partir do “bom pastor” está relacionado com a dimensão da unidade através de seus discípulos, com o “bom pastor”. Ele amplia os horizontes e afirma que haverá um só rebanho e um pastor, que vai construindo uma comunidade marcada por outros participantes, onde o vínculo determinante é o amor: *Ainda tenho outras ovelhas, não deste aprisco; a mim me convém conduzi-las; elas ouvirão a minha voz; então haverá um rebanho e um pastor* (Jo 10.16).

Para Jesus sua prática pastoral está no sentido de congregar os seres humanos ligados pela fé, isento de sua procedência, debaixo da unidade de Deus. Embora as ovelhas sejam de outro aprisco elas serão conduzidas e o conhecimento se dará através da “voz”. Sua missão salvífica está direcionada a todos os seres humanos que ouvindo a voz acompanha o pastor porque sabe que Ele está disposto a dar a própria vida (La Calle, 1977:

431). Ao dar sua própria vida Ele reúne seu rebanho em torno da mesa eucarística, onde todos são alimentados, pois com sua morte e ressurreição fica estabelecido a fonte de vida única e perene para todos os seus. E é através desta fonte única e perene que as práticas pastorais, de hoje, devem desenvolver suas ações. A partir da fonte única e perene, que é o Bom Pastor, pode se estabelecer a diferença entre Ele e o assalariado.”O assalariado que não tem consciência da vida do povo, quando chega a hora do perigo foge abandonando as ovelhas, e o lobo as agarra e as dispersa, porque não é mais que um assalariado e não lhe importa as ovelhas (Jo 10.12-13). Ao contrário, o bom pastor dá sua vida pelas ovelhas” (Jo 10.11), (Santa Ana, 1985: 88).

Paradigmas de práticas pastorais a partir da primeira carta de Pedro

Até aqui o estudo tem sido realizado dentro de duas temáticas: Deus Pastor e Jesus como o Bom Pastor, destacando os modelos de práticas pastorais no evangelho de Lucas à partir da parábola da “ovelha perdida” e no evangelho de João” Jesus como o Bom Pastor. Esta ultima parte da pesquisa irá focalizar a prática pastoral de uma Igreja que estava distante do ambiente de Jerusalém, embora sua forma de vivência esteja profundamente marcada pela tradição judaica-cristã. A primeira carta de Pedro, objeto do estudo foi dirigida aos presbíteros que estavam na Ásia menor, sua preocupação pastoral não está relacionada com o dever de apascentar, mas o modo pelo qual essa função deve ser desempenhada pelos que desenvolvem o chamado espiritual de presidir a comunidade cristã ou desempenhar funções de animação na vida da comunidade (Bosetti, 1986: 81). Porque uma carta tão específica aos presbíteros?

Possivelmente os presbíteros eram os responsáveis pela liderança da família (casa) e das pequenas comunidades religiosas. Elliott afirma: É também provável que a estrutura familiar de autoridade tenha influenciado não só os papéis como também a ilegitimidade para a liderança na comunidade cristã, especialmente ao nível local. Os chefes das casas, onde os cristãos se reuniam para liturgia e mútuo apoio, devido ao seu status já existente e seus recursos econômicos, eram as pessoas mais indicadas para assumir as responsabilidades de ajuda material, hospitalidade e administração dos planos e recursos comunitários (Elliott, 1985: 172).

Segundo Cothenet (SESBOÜÉ, 1975: 357), a carta de I Pedro tem matizes pastorais, cristológicas e eclesiais como a carta aos Hebreus. O estudo deter-se-á no capítulo (5.1-4), isto porque, é neste texto que se estabelecem os elementos determinantes das ações pastorais que são desenvolvidas na comunidade. O autor da carta não se exclui da tarefa pastoral, pelo contrário, apresenta-se como parte do corpo presbiteral da comunidade: *eu, presbítero como eles, e testemunha dos sofrimentos de Cristo, e ainda co-participante da glória que há de ser revelada* (I Pe 5.1).

Possivelmente, neste sentido, Pedro resgata com autoridade pastoral as atribuições que havia anteriormente recebida do próprio Cristo (Jo 21.15-17), a quem ele mesmo entende que fará sua prestação de contas com o advento do supremo pastor (I Pe 5.4). Bosetti, entende que: “na perspectiva de Hb 12.15, cada um é responsável pelo irmão: a comunidade toda tem o dever de vigiar para que ninguém se afaste do dom recebido. O dever de velar-vigiar cabe de modo particular aos presbíteros que foram constituídos pelo Espírito Santo episkopoi. “vigilantes”, do rebanho de Deus (At 20.28). A eles Pedro dirige a exortação “apascentar o rebanho de Deus, vigiando-o”. O mo-

delo dessa atenção pastoral é Cristo, Pastor e Supervisor das vossas almas 2.25), “o pastor que vigia” (Bosetti, 1986: 99-100). O texto de (I Pe. 5.1-4), destaca quatro elementos que são orientações pastorais para o modo de proceder dos presbíteros com o rebanho, que são:

- ✓ “pastoreai o rebanho de Deus que há entre vós”
- ✓ “ não por constrangimento, mas espontaneamente, como Deus quer”
- ✓ “ nem por sórdida ganância, mas de boa vontade”;
- ✓ “Nem como dominadores dos que vos foram confiados, antes, tornando-vos modelos do rebanho” (I Pe 5.2-3).

“Pastoreai o rebanho de Deus que há entre vós. Na definição da tarefa pastoral Pedro é bem específico indicando que o rebanho é de Deus, por misericórdia divina Ele permite o pastoreio por meio dos presbíteros. A expressão pastorear tem a conotação de conduzir e velar pelo rebanho, é o presbítero que deve manter a comunidade reunida em sua coesão e unidade para apresentá-lo ao Supremo Pastor no dia escatológico de sua manifestação (Dornier, 1985, 356). Bosetti, divide a frase em duas partes. A primeira “O rebanho de Deus” onde afirma o carácter de propriedade das ovelhas (Jo 21.15-17), *apascenta as minhas ovelhas, os meus cordeiros, e a Igreja de Deus* (At. 20.28), e afirma que a “exortação é, pois, para apascentarem um rebanho que não é deles, e do qual o único proprietário é Deus. Acentua a presença teológica da afirmação: Cristo é o pastor por excelência (5.4), mas o proprietário é Deus, o rebanho é dele”, *povo de propriedade exclusiva de Deus* (I Pe 2.9). A segunda parte “ O rebanho de Deus que há entre vós”. Bosetti, chama atenção para a expressão repetitiva: *que há entre vós* (5.1) e, *que há entre vós* (5.2). O que deixa transparecer no uso das expressões é um forte espírito de serviço e testemunho da

comunidade, diante dos problemas vividos, onde se “percebe um aspecto de confiança recíproca, de relação mútua” (Bosetti, 1986: 100-101).

Não por constrangimento, mas espontaneamente, como Deus quer. Para entender esta recomendação pastoral de Pedro, é necessário recordar que a carta foi escrita no contexto do primeiro século quando o cristianismo experimentava um tempo de expansão, mais também de muitos obstáculos “à luz da situação histórica daquele tempo” (Aguirre, 1987: 107-198).

O ambiente em que viviam os destinatários da carta era de muita tensão e os guias das comunidades estavam sempre expostos, havia como que um encargo, um peso, um fardo, do qual moralmente não podiam se desfazer. Era uma coerção mais psicológica e moral do que física, contra os pastores. Portanto: a ordem de apascentar voluntariamente, segundo Deus, poderia então significar: não cumprais a vossa obrigação coagidos pela imposição das mãos sobre vós. Redescobri as motivações da fé, “segundo Deus”, que estão na origem do vosso ministério, e deixai-vos guiar por elas. Esforçai-vos por libertar a vossa resposta de toda coerção, das vossas próprias coações psicológicas ou morais, e por torna-la “voluntária”. Em suma, recordai-vos que a primeira norma do serviço pastoral é a liberdade interior, a “voluntariedade” (Bosetti, 1986: 102).

Não por sórdida ganância, mas de boa vontade. Pedro pede uma atitude diferenciada dos presbíteros que apascentam o rebanho de Deus: ter ânimo generoso, superar a tentação do lucro e do interesse próprio. A exortação de Pedro aos pastores tem fundamento já na própria história do colegiado dos apóstolos, e aqueles presbíteros da Ásia não estavam isentos de projetos de vida pessoal e da aproximação ao dinheiro. O apóstolo Paulo já preocupado com tal situação havia escrito aos presbíteros e

pastores da cidade de Éfeso aconselhando (At 20.33-35). Os presbíteros da Ásia são exortados a não irem na alma da atitude mercenária. A alma de seu ministério pastoral não deve ser o ganho (muito ou pouco que seja), mas o amor ao rebanho de Deus. A essência é a dedicação generosa (Bosetti, 1986: 105-107).

Não como dominadores dos que vos foram confiados. Pedro, desafia os seus presbíteros a terem uma visão geral da igreja e estimula a participação da comunidade nas decisões dos problemas. Porém, indica duas possíveis dificuldades: primeira: o perigo do domínio sobre a comunidade e segunda: o perigo de se tomarem decisões de modo autônomo, sem a participação da comunidade (Bosetti, 1986, 107). Pedro insiste em afastar qualquer probabilidade de fortalecer uma estrutura hierárquica de poder entre os presbíteros e a comunidade, vai sugerindo e constituindo um ministério colegiado de participação que são os fundamentos deixados pelo Senhor do rebanho, que estabeleceu a grandeza do pastoreio que “não é mensurável em termos de poder, mas de serviço e humildade” (Bosetti, 1986, 109).

A atitude de humildade e de serviço dos presbíteros, não impedem que eles tenham autoridade sobre o rebanho, pois pede aos jovens que se submetam a autoridade dos dirigentes: *Rogo igualmente aos jovens: sede submissos aos que são mais velhos; outrossim, no trato de uns com os outros, cingi-vos todos de humildade, porque Deus resiste aos soberbos, contudo, aos humildes concede a sua graça* (I Pe 5.5). Espírito de serviço por um lado, atitude de submissão por outro, tudo está no clima de humildade que deve reger as relações mútuas da comunidade. O desafio e a exortação aos presbíteros é que eles sejam “modelos do rebanho”, isto é, os presbíteros-pastores devem continuar sendo parte do rebanho, portanto não devem alimen-

tar a esperança de domínio pela força sobre o rebanho (Sesboüé, B. 1975: 358).

V- Conclusão

A Bíblia é a linha mestra para a renovação da prática pastoral. É através dela que se pode encontrar orientações para corrigir os equívocos das práticas pastorais e, ao mesmo tempo, responder aos desafios e oportunidades para a realização de novas práticas pastorais, diante dos modelos de práticas pastorais que têm surgido dentro do mosaico religioso que a Igreja do Senhor vivencia hoje, onde se percebe uma corrida em direção aos mega rebanhos, onde já não se conhece o rebanho pelo nome mas por seu grau de influencia na sociedade. Conhecer o rebanho e ser conhecido pelo mesmo a partir da voz e pastorear, continuam sendo os desafios para as práticas pastorais de hoje. Guiar, prover, vigiar fortalecendo o rebanho, buscando sua unidade é a tarefa da prática pastoral que continua presente até que se cumpra a promessa: “Quando aparecer o supremo pastor, recebereis a coroa imarcescível da glória” (I Pe 5.4).

Sem abraçar uma postura triunfalista, mas procurando entender a tarefa do pastoreio numa perspectiva bíblica e teológica, o que descreve Panimolle, deve fazer parte das agendas dos líderes religiosos: “A relação entre pastor e o seu rebanho dever ser caracterizada por um comportamento semelhante, isto é, por uma comunhão vital de caridade, de dedicação e de doação totais até o sacrifício da alma. Quem quiser exercer funções pastorais ou de guia deve inspirar-se no comportamento de Jesus, o bom pastor. A autoridade que não se interessar concretamente e com amor pelas pessoas confiadas aos seus cuidados não será bom pastor; o guia da comunidade que não caminhar à frente de suas ovelhas, oferecendo o exemplo da vida e sendo

o primeiro a percorrer o caminho do Evangelho e do amor, não se comportará como verdadeiro pastor” (Panimolle, 1986: 68).

VI – Notas Bibliográficas

AGUIRRE, R. *Del Movimiento de Jesus a la Iglesia Cristiana*. Bilbao: Desclee de Brouwer, 1987.

BARRETO, J. MATEOS, J. *EL Evangelio de Juan*. Madrid: Cristiandad, 1979.

BOSCH, D. J. *Missão Transformadora – Mudanças de Paradigma na Teologia da Missão*. São Leopoldo: Edições Sinodal, 2002.

BOSETTI, E. *Deus-Pastor na Bíblia. Solidariedade de Deus com seu povo*. São Paulo: Edições Paulinas, 1986.

ELLIOTT, J. H. *Um lar para quem não tem casa – Interpretação sociológica da primeira carta de Pedro*. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

FLORISTAN, C. e USEROS, M. *Teologia de La Accion Pastoral*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1968.

LA CALLE, F. *Teologia del cuarto evangelio*, in *Teologia de los Evangelios de Jesus*. Sígueme: Salamanca, 1977.

NOUWEN H. *A Volta do Filho Pródigo*. São Paulo: Paulinas. 2000.

PANIMOLLE, S.A. *Deus-Pastor na Bíblia. Solidariedade de Deus com seu povo*. São Paulo: Edições Paulinas, 1986.

PIKAZA, J. *Teologia de Lucas*, in *Teologia de los Evangelios de Jesus*. Sígueme: Salamanca, 1977.

SANTA ANA, J. *Pelas Trilhas do mundo, a caminho do Reino*. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista/Editeo, 1985.

SESBOUË. B. *Ministérios y Estructura de La Iglesia*. In *Teologia de los Evangelios de Jesús*. Sígueme: Salamanca, 1977.